O DESENHO E AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DE LUQUET E PIAGET

ALINI NASCIMENTO SOUSA ALVES

RESUMO:
Neste artigo busco apresentar a importância do desenho para as etapas do desenvolvimento infantil. O desenho é a via pela qual a criança expressa sua subjetividade e estabelece sua relação com o mundo ao seu redor. Também procuro abordar as características e os estágios do desenvolvimento do desenho infantil, conforme delineados por Luquet e Piaget. O processo de criação artística desempenha um papel significativo na organização dos pensamentos e sentimentos da criança, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e impactando positivamente em diversos aspectos, como emocionais, motores, intelectuais, físicos, perceptuais, sociais e estéticos. Portanto, a arte, especialmente o desenho, é uma ferramenta multifacetada e essencial para o desenvolvimento integral da criança.
PALAVRAS-CHAVE: Arte; Desenho; Desenvolvimento; Educação Infantil

INTRODUÇÃO

Os rabiscos são as primeiras manifestações expressivas das crianças sobre o papel, há aqueles que entendem que o ato de rabiscar é desprovido de significado e por esse motivo, desenhar deve ficar em segundo plano pois o desenho é resultado de um exercício terapêutico que se presta a acalmar a agitação das crianças (Augusto, 2009).
Entretanto, vale ressaltar que um grande número de professores está empenhado em ressaltar a relevância do desenho como uma forma de expressão e criação. Eles reconhecem o desenho como uma linguagem gráfica de suma importância para o desenvolvimento integral da criança. Essa abordagem pedagógica se baseia na compreensão de que o ato de desenhar não é apenas um simples traço no papel, mas sim uma ferramenta que permite que as crianças explorem e expressem seu mundo interior e suas percepções sobre o mundo ao seu redor. Pois, o desenho, como linguagem, é uma forma de comunicação construída ao longo da história da humanidade.
O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, p. 10).

Moreira (1984) salienta que o desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, inicialmente utilizada antes do domínio sobre a leitura e a escrita, sendo assim, portanto, uma linguagem como o gesto e a fala. Segundo Derdyk (2004, p. 09) o ato de desenhar constitui para a criança uma atividade que conjuga outras manifestações do ver, do pensar, do fazer e dá unidade à construção de outros domínios, perceptivos, cognitivos, afetivos e motores, nesse sentido:
A criança desenha, entre outras tantas coisas, para se divertir. Um jogo que não exige companheiros onde a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, "aprender a só ser". O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular (DERDYK, 2004, p. 50).

Isso nos leva a seguinte questão: o que pode ser considerado desenho? Uma consulta no Dicionário Michaelis On-line nos diz que a palavra desenho significa: 1) Representação gráfica, por meio de linhas, cores e sombras, de objetos, seres, ideias, sensações, etc; 2) Arte e técnica de representar visualmente a forma desses elementos, servindo-se de linhas ou traços, assim como de efeitos de luz, cores e sombras; 3) Conjunto de procedimentos relativos a essa arte e a essa técnica; Configuração do contorno de uma figura, objeto etc; 4) Contorno, delineamento, recorte; 5) Delineamento ou traçado geral de

um quadro ou de qualquer obra de arte executado por meios gráficos; 6) Representação ou criação, por meios não gráficos (som, palavras, símbolos, ideias etc.), de uma forma imaginária; 7) Forma ou feitio de um objeto, especialmente o contorno, considerada pelas suas qualidades plásticas; design; 8) Figura de ornatos (para tecidos, vasos, decoração em geral etc.); 9) Plano ou projeto de objetos com finalidade técnica, industrial, científica, ornamental, arquitetônica etc; 10) esboço, planta, risco, traçado; Idealização de um propósito ou objetivo qualquer; desígnio, intenção, plano.

O desenho não se limita apenas ao traçado no papel ou em qualquer superfície. Pode também ser observado na organização das pedras e folhas ao redor do castelo de areia, assim como na disposição das panelinhas, dos pratos e das colheres durante uma brincadeira de casinha (Gimenez, 2009). Portanto, quando falamos de desenho, estamos nos referindo à forma como a criança concebe e estrutura seu espaço de jogo usando os materiais à sua disposição (Moreira, 1984).

Nesse sentido, conforme afirma Read (2001) o desenho é um modo de expressão da criança e evidencia seu estágio de elaboração mental. Assim, pode ser compreendido como um instrumento de interação com o mundo, por meio dele a criança estabelece relações entre seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos e se apropriando de seu lugar no mundo. As formas de expressão artísticas têm, assim, um papel importante na sua constituição como pessoa. Fontana e Cruz (1997) nos falam:

O processo de aprender a desenhar implica a interação da criança com outros membros de seu grupo cultural e com os modelos socialmente disponíveis. O desenho evolui à medida que a criança se apropria das formas culturalmente constituídas de atividade gráfica. O que e como ela desenha emerge das interações sociais em que ela está inserida. Depende do auxílio, das pistas e instruções que recebe, da partilha de informações, opiniões, preferências, da sua relação com os modelos, os materiais e as técnicas a que tem acesso. (FONTANA E CRUZ, 1997, p.157 e 158).

Existem várias teorias e abordagens que buscam entender a produção gráfica infantil. Algumas delas destacam fases distintas no desenvolvimento do desenho infantil, que se correlacionam com o envelhecimento da criança. Ao acompanhar o crescimento de uma criança e, simultaneamente, seus desenhos, torna-se mais evidente a observação das mudanças ao longo do tempo, proporcionando uma compreensão mais clara das razões subjacentes a esse desenvolvimento. Importante ressaltar que, embora a criança não tenha uma consciência explícita desse processo, ele ocorre de forma intrínseca, e o ato de desenhar desempenha um papel fundamental tanto na sua transformação quanto na influência que o ambiente exerce sobre ela.

Esse ato de desenhar desempenha um papel significativo no desenvolvimento infantil em cada fase, demonstrando características específicas associadas a cada faixa etária. Portanto, as diferentes etapas do desenho revelam similaridades que permeiam todas as idades, permitindo identificar padrões comuns. No entanto, é essencial levar em consideração as variações individuais entre as crianças, incluindo seu temperamento e sensibilidade, uma vez que, apesar das características distintas das várias fases do desenvolvimento gráfico, cada criança é única. Isso significa que o desenho de cada criança exibirá traços e elementos próprios e exclusivos, refletindo sua singularidade e subjetividade. Sobre isso Ostrower (1997) nos fala:

Comparem-se os trabalhos infantis em exposições internacionais. São bastante uniformes as pinturas de uma mesma faixa etária, embora procedentes de países diversos e de diversa estrutura social, países ocidentais, orientais, industrializados, agrícolas, altamente desenvolvidos, subdesenvolvidos. O que muda, naturalmente, são objetos significativos que compõem o ambiente vivencial da criança, e a importância cultural em que a criança vem a conhecer estes objetos (OSTROWER, 1997, p.127).

O desenho infantil segue um percurso composto por fases, etapas, estágios ou movi-

mentos, independentemente da terminologia utilizada para descrevê-lo. É importante compreender que essa evolução está intrinsecamente relacionada ao crescimento da criança. Entre os autores mais conhecidos estão, Luquet (1969) e Piaget (1977).

Segundo o psicólogo francês Georges-Henri Luquet, o desenvolvimento gráfico infantil é composto por quatro etapas principais. A primeira fase, "Realismo Fortuito" tem início por volta dos dois anos de idade, quando a criança faz traçados no papel sem a intenção inicial de representar algo, mas acaba percebendo alguma semelhança entre seu desenho e um objeto real. Após criar o desenho, ela então atribui um nome a ele. Nas palavras de Luquet (1969, p. 145): "A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas".

A segunda fase é o "Realismo Fracassado" essa fase tem início entre os três e quatro anos de idade, onde a criança começa a identificar as formas dos objetos ao seu redor e tenta reproduzi-las em seus desenhos. Apesar de seus esforços, os desenhos ainda não são completamente realistas.

Temos a terceira fase chamada de "Realismo Intelectual" essa fase começa por volta dos quatro anos e continua até os dez ou doze anos. Neste estágio, a criança desenha não apenas o que vê, mas também o que sabe sobre o objeto. Isso pode resultar em representações simbólicas, como desenhar um feto dentro da barriga ou uma árvore atrás de uma casa.

Por último, por volta dos doze anos, a criança entra na fase do "Realismo Visual". Neste estágio, ela descobre os princípios da perspectiva e, seguindo essas regras, busca representar os objetos de maneira mais fiel à realidade, esforçando-se para capturar detalhes e proporções precisas em seus desenhos.

Já a teoria de Piaget (1975) classifica o desenho em cinco etapas. A primeira fase faz parte do estágio sensório-motor, que abrange os primeiros dois anos de vida de uma criança. Durante esse estágio, as crianças exploram o mundo principalmente por meio dos sentidos e da ação física. De acordo com a teoria proposta pelo autor, a criança demonstra extremo prazer nesta fase. Além disso, a figura humana é inexistente ou pode parecer de maneira imaginária.

A segunda fase é marcada pela descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Nesse momento inicialmente os desenhos se apresentam dispersos pelo espaço até surgirem as primeiras relações espaciais resultantes dos vínculos emocionais da criança.

A terceira fase ocorre entre os sete e dez anos. Faz parte dessa fase a afirmação de si mediante repetição, pois a criança já tem definido o conceito da figura humana. Há descobertas significativas em relação à cor e a experiência emocional no uso da cor.

Na quarta fase temos uma maior demonstração da noção de realismo. Neste momento na figura humana temos o abandono das linhas e o aparecimento de formas geométricas. A criança passa a ter uma noção maior sobre o uso do espaço, é nesta fase que é descoberto o plano e a superposição.

Por último, dos dez anos em diante a arte como atividade espontânea tem fim. Essa etapa é marcada pela investigação acerca da própria personalidade, nesse momento a expressão passa a ser carregada de subjetividade. O espaço se apresenta com profundidade e é possível verificar o uso do espaço subjetivo. Na figura humana as características sexuais aparecem de forma exagerada. Nesta última etapa os desenhos deixam de ter o caráter mágico do simbolismo. Ao invés disso, assumem regras e convenções definidas.

Pode-se notar como a evolução do desenho alcança outros patamares ao mesmo tempo em que a criança vai se desenvolvendo. De acordo com a literatura, esse avanço pode ser explicado pela maturação da percepção motora e, também,

pela maturação cerebral, momento em que a criança altera a percepção do mundo exterior com as imagens mentais que constrói.

Apesar de existir uma tendência geralmente observada na sequência dos estágios de desenvolvimento, é fundamental compreender que essas fases não são rígidas ou fixas, mas sim flexíveis e sujeitas a mudanças. Elas

podem ser significativamente moldadas e influenciadas por uma série de fatores contextuais, incluindo o ambiente em que a criança cresce, as interações sociais que ela experimenta, as condições econômicas de sua família e as características psicológicas individuais.
Embora esses fatores ambientais, sociais, econômicos e psicológicos desempenham um papel fundamental na maneira como uma criança progride através dos estágios de desenvolvimento. Por exemplo, uma criança que cresce em um ambiente estimulante e enriquecedor pode avançar mais rapidamente em seu desenvolvimento cognitivo do que uma criança com acesso limitado a oportunidades de aprendizado. Da mesma forma, as experiências sociais e emocionais podem influenciar a maneira como uma criança interage com o mundo ao seu redor e, consequentemente, afetar seu desenvolvimento.
É preciso destacar que devido aos fatores mencionadas anteriormentes, o desenho não pode ser compreendido como um simples ato mecânico, nesse sentido, o desenho se apresenta como um movimento dotado de funções simbólicas:
A criança, a grande autora dos eventos mantém uma relação de prazer que impulsiona e estimula este seu fazer. O corpo inteiro da criança desenha concentrado na pontinha do lápis, que lhe abre a possibilidade da experiência da conquista das formas. O desenho estabelece um elo de participação entre a criança e o mundo, evocando e despertando formas, imagens, significados, através de seus recursos materiais (DERDYK, 1990, p. 106)

Derdyk (1990) não apenas discute a questão do prazer no desenho, mas também enfatiza que o ato de desenhar surge de forma espontânea e está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento global da criança. Nesse contexto, o desenho se revela como uma atividade que engloba inteligência, sensibilidade, autonomia, expressão, aquisição de conhecimento e comunicação.
O desenho é, portanto, uma linguagem multifacetada que visa a comunicação por meio da representação e da simbolização. Esse aspecto se torna especialmente relevante nos anos iniciais da infância, quando a criança busca expressar no papel aquilo que ainda não é capaz de comunicar por meio de outras linguagens, como a fala e a escrita. Durante essa fase crucial, o desenho atua como uma ponte vital para que a criança transmita seus pensamentos, sentimentos e percepções de forma visual e criativa, permitindo uma compreensão mais profunda de seu mundo interior e exterior. É, portanto, uma ferramenta fundamental no desenvolvimento da linguagem e da expressão infantil.
Em relação ao ensino da arte Lowenfeld e Brittain (1977)
Toda instituição de ensino - jardim de infância, escolas primárias e também escolas secundárias - devem tratar de estimular seus alunos para que se identifiquem com suas próprias experiências, e de animá-los para que desenvolvam, na medida do possível, os conceitos que expressam seus sentimentos, suas emoções e sua própria sensibilidade estética. (ibid, p.11).

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 97), para crianças de zero a três anos os conteúdos para a Educação Infantil na área das Artes Visuais constituem-se de: 1) exploração e manipulação de materiais; cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com os suportes e materiais de arte; 2) cuidado com os materiais e com os trabalhos e objetos produzidos individualmente ou em grupo. Para crianças de quatro a seis anos o documento salienta: 1) Criação de desenhos, pinturas, colagens e modelagem a partir de seu próprio repertório e da utilização dos elementos da linguagem das Artes Visuais. 2) Exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar e modelar; 3) Exploração dos espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos;
3) Organização e cuidado com os materiais no espaço físico da sala; 5) Respeito e cuidado com os objetos produzidos individualmente e em grupo; 7) Valorização de suas próprias produções, das de outras crianças e da produção de arte em geral.
A maioria dos planos de ensino na Educação

Infantil justifica a inclusão das atividades artísticas no currículo com base no entendimento de que essas atividades contribuem para o desenvolvimento global das crianças, abrangendo aspectos perceptivos, motores e psicológicos. No entanto, nos últimos anos, de acordo com Iavelberg (1988), têm sido observados dois equívocos frequentes nas escolas de Educação Infantil.

O primeiro equívoco diz respeito à abordagem da "livre expressão", onde há uma crença equivocada de que a simples manipulação física de materiais artísticos, através de diferentes técnicas, por si só, levará à construção de conhecimento nas atividades artísticas. Isso implica a ideia de que a criança, ao mexer nos materiais sem orientação específica, estará automaticamente adquirindo habilidades artísticas e desenvolvendo seu pensamento criativo.

O segundo equívoco se relaciona a uma abordagem focada no treinamento de habilidades e na aprendizagem pela cópia de modelos tidos como corretos. Nessa metodologia, as crianças são instruídas a reproduzir desenhos ou obras de arte existentes, seguindo um padrão predefinido. No entanto, essa abordagem, de acordo com a autora, não considera adequadamente os métodos que as crianças utilizam para construir o conhecimento artístico.

Moreira (1984) aborda essa questão da seguinte forma: Nos primeiros anos de escolaridade, o problema parece estar relacionado à ênfase dada à alfabetização, uma vez que essa habilidade ocupa grande parte do tempo da criança na escola. Entretanto, à medida que os anos avançam, essa situação se agrava, e o desenho acaba sendo relegado ao que resta do tempo disponível. Essa situação coloca em destaque a diminuição da importância atribuída ao desenho à medida que a criança avança em sua trajetória escolar.

Essa abordagem de Moreira destaca um desafio relevante no contexto educacional, onde o foco na alfabetização, embora fundamental, muitas vezes resulta na redução do tempo e da atenção dedicados às atividades de expressão artística, como o desenho. Isso pode ter implicações significativas no desenvolvimento criativo e na capacidade de comunicação das crianças, pois o desenho desempenha um papel importante na expressão de ideias e sentimentos. Portanto, é essencial considerar como equilibrar adequadamente o tempo e os recursos dedicados à alfabetização e às atividades artísticas para promover um desenvolvimento integral e enriquecedor das crianças na escola.

Para Moreira (1984, p. 84) “A Arte se define justamente pela diversidade, por propor algo que é pessoal e único”. Assim, toda uniformidade deve ser descartada, porque não contribui para o desenvolvimento da criança.

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) estabelecidas pelo Brasil em 1988, são disponibilizadas orientações e estratégias para que os professores possam efetivamente abordar o desenvolvimento do desenho nas crianças. Essas diretrizes fornecem um conjunto de direcionamentos importantes que visam promover a expressão artística e o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças em idade pré-escolar. Vejamos:

É interessante propor às crianças que façam desenhos a partir de observações das mais diversas situações, cenas, pessoas e objetos. O professor pode pedir que observem e desenhem a partir do que viram [...]. As histórias, as imagens mais significativas ou os fatos cotidianos podem ampliar a possibilidades das crianças escolherem temas para trabalhar expressivamente (BRASIL, 1988, p.101).

Como vimos através da citação acima podemos compreender que essas estratégias incluem, por exemplo, a criação de ambientes ricos em materiais artísticos e a promoção da exploração criativa desses materiais pelas crianças. Além disso, as diretrizes incentivam os professores a valorizar e respeitar as produções artísticas das crianças, independentemente de sua semelhança com objetos ou formas da realidade. Isso contribui para a construção da autoestima e da confiança das crianças em suas habilidades artísticas.

Em última análise, as RCNEI fornecem um guia fundamental para que os professores possam criar ambientes e experiências educacionais que estimulem a criatividade, a

expressão e o desenvolvimento global das crianças por meio do desenho. Esse é um aspecto fundamental na construção de uma base sólida para o aprendizado ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, através das contribuições teóricas mencionadas, pudemos adquirir uma compreensão mais profunda do valor do desenho no contexto do desenvolvimento infantil. O desenho é uma prática constante nas escolas de Educação Infantil, e nossa investigação revelou que sua aplicação oferece uma série de benefícios significativos para as crianças.

Primeiramente, o ato de desenhar estimula a capacidade criativa das crianças, permitindo que expressem sua imaginação de maneira livre e espontânea. Além disso, o desenho desempenha um papel crucial na organização dos pensamentos e sentimentos das crianças, fornecendo-lhes uma plataforma para representar visualmente suas ideias e emoções.

Adicionalmente, o estudo demonstrou que o envolvimento com o desenho impacta positivamente em diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Isso inclui o desenvolvimento emocional, pois o desenho pode ser uma ferramenta terapêutica para expressar emoções complexas. Também influencia o desenvolvimento motor, à medida que as crianças aprimoram suas habilidades de coordenação ao manusear materiais de desenho. Além disso, estimula o desenvolvimento intelectual, à medida que as crianças exploram conceitos visuais e espaciais, bem como o desenvolvimento físico, ao envolver os músculos do corpo na atividade de desenhar. O aspecto perceptual também é beneficiado, uma vez que as crianças aprimoram sua percepção visual ao observar e criar representações visuais.

O desenho também tem impacto na dimensão social, à medida que as crianças compartilham seus desenhos com os outros, comunicando suas ideias e criando conexões com os colegas. Por fim, contribui para o desenvolvimento estético, à medida que as crianças exploram as formas, cores e composições em seu trabalho artístico.

Além disso, este estudo visa enfatizar como os educadores podem contribuir no processo de desenvolvimento e aprendizado das crianças, ao criar um ambiente propício para o desenho e ao oferecer atividades interdisciplinares que enriqueçam a experiência educacional das crianças.

É importante notar que estratégias didáticas uniformes, como atividades de datas comemorativas que prescrevem cores e modelos específicos para as crianças copiarem, podem ser contraproducentes. Essas abordagens mecânicas não agregam valor significativo ao processo educacional das crianças, pois não incentivam a criatividade, a expressão individual ou o pensamento crítico. Portanto, é essencial que os professores adotem estratégias mais abertas e flexíveis que promovam a expressão artística autêntica e a exploração criativa.

BIBLIOGRAFIA

AUGUSTO, S. Ver depois de olhar - a formação do olhar do professor para os desenhos de crianças. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-01092009-152645. Acesso em: 2023-09-03.

BRASIL. LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF,1998.

DERDYK, E. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990. DERDYK, E. Formas de pensar o desenho. São Paulo: Scipione, 2004.

DESENHO. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desenh o/> Acesso em 04 set. 2023.

FONTANA, R.; CRUZ, N. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual Editora, 1997.

GIMENEZ, J.. As contribuições do desenho na educação infantil. 2009. 123 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/119252> Acesso em 04 set. 2023.

IAVELBERG, R. O ensino da Arte na pré–escola: o desenho como construção. In: . (Org). O cotidiano da pré-escola. São Paulo: FDE, 1988. p. 93-106.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Loyola, 1977.

LUQUET, G. H. O desenho Infantil. Porto: Editora Civilização, 1969.

MOREIRA, A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1984.

OSTROWER, F.. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro. Imago, 1997.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

READ, H. A educação pela arte. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.